

ENTENDENDO FREUD: A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DO EDUCADOR ACERCA DAS FASES PSICOSSEXUAIS DA SEXUALIDADE INFANTIL

Demostenes Silva¹

RESUMO: Sigmund Freud incompreendido por muitos e estudado por vários, se tornou um dos estudiosos mais polêmicos das ciências humanas. Percursor da psicanálise desenvolveu estudos acerca da sexualidade infantil, causando no século XX um verdadeiro escarcéu para os padrões da época. Entretanto seus estudos são tão atuais e presentes nos dias de hoje, que como educadores nos levar a estruturar uma leitura baseada na sua pesquisa. Nosso enfoque principal a esse trabalho foi mostrar como Freud trabalhou e desmistificou em fases e/ou estágios a sexualidade infantil. Freud traz em sua pesquisa, o desenvolvimento psicosssexual da criança, aonde mostra que os mais novos obtêm o prazer em alguns momentos do dia a dia, prazeres esses que estão atrelados ao corpo. É importante salientar que para Freud a sexualidade, principalmente a da criança, não se tratava do ato sexual, que tem por objetivo a reprodução. Assim buscamos entender um pouco como se desenvolve esse processo na criança e como isso poderá refletir em seu desenvolvimento social, não nos atemos a tecer comentários ou desconstruir tais estudos e sim, através de uma revisão bibliográfica compreender a visão de Freud para essa temática.

Palavras-chave: Sexualidade; Criança; Estudos; Freud

INTRODUÇÃO

A sexualidade é hoje um tema que tem uma vasta área do conhecimento e pesquisa, e um amplo espaço de discussão, sendo também bastante polêmico em suas abordagens, e uma delas é claro a de Sigmund Schlomo Freud. De antemão, faz-se necessário entender um pouco quem foi ele e qual seu principal objeto de estudo. Freud nasceu em 1856, no dia 6 de maio, no território que hoje é a República Tcheca, filhos de judeus, se mudaram para a Áustria quando ele ainda era um bebê recém-nascido. Em Viena, Sigmund entrou para o curso de Medicina, fez especialização em Fisiologia Nervosa, porém, tendo contato com filósofos e seus referidos estudos, Freud descobriu na psicanálise uma paixão e foi nela que quase como uma relação de fidelidade, encontrou na sexualidade infantil, seu principal enfoque de pesquisa e estudos. Principal, porque o mesmo desenvolveu estudos em diversas áreas da análise humana, entretanto, chamou mais atenção suas classificações acerca da sexualidade infantil, tema central de nosso trabalho.

Freud traz em sua pesquisa, o desenvolvimento psicosssexual da criança, aonde mostra que os mais novos obtêm o prazer em alguns momentos do dia a dia, prazeres esses que estão

¹ Professor da Rede Municipal da Prefeitura do Recife e Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; demostenes.pa@gmail.com

atrelados ao corpo. É importante salientar que para Freud a sexualidade, principalmente a da criança, não se tratava do ato sexual, que tem por objetivo a reprodução, principalmente em sua época, meados do final do século XIX e começo do século XX, e sim do conhecimento do próprio corpo assim como também o desenvolvimento dos mecanismos de defesa. Para Couto (2017), Freud toma como fundamento da sexualidade infantil a disposição perverso polimorfa. Assim, as manifestações sexuais da criança são perversas porque não têm relação com a reprodução e são polimorfas porque não estão centralizadas em um objeto sexual.

Tendo como enfoque da presente pesquisa, nosso objetivo geral é descrever sobre as cinco fases psicosssexuais que Freud trabalhou e posteriormente compreender como essas fases interfere no desenvolvimento humano e também inferir uma análise acerca da sexualidade humana. Se torna pertinente sempre focarmos no desenvolvimento sexual, porque é algo que está presente em nossos corpos, em nossas vidas e na relação da esfera individual e coletiva enquanto sociedade. Egypto (2003) traz a definição de sexualidade, que a Organização Mundial da Saúde, declarou em 1975, que diz o seguinte:

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico (OMS, 1975, apud EGYPTO, 2003, p. 15 e 16).

Isso já era bem estruturado para Freud, que dissertar sobre a sexualidade infantil, organizando-a em cinco fases, a primeira a fase oral, seguida pelas fases anal, fálica, o período de latência e por última a genital. Depois de explicar essas fases, Freud traz a explicação acerca do complexo de Édipo, o qual é o momento em que alguns desejos são descobertos e ao mesmo tempo, por questões morais da sociedade, sendo um agente externo, fazem com que tais desejos sejam reprimidos, sendo um deles o prazer da criança (menino) na mãe, ou a menina no pai. Para Freud, o recalçamento em uma dessas fases, vai comprometer em um momento futuro, a vida adulta daquela pessoa, algum convívio social. Um exemplo prático que inferimos sobre essa questão, e a homofobia, que é a negação e a recriminação em gostar do indivíduo do mesmo sexo, por questões morais, algumas pessoas usam de mecanismos de defesa para afastar esses desejos.

Vale salientar que a sexualidade humana, infelizmente, ainda é um tabu, pelo motivo de não saber a diferenciação por grande parte da sociedade o que venha ser sexo o ato para a reprodução e agora prazer, de sexualidade, o autoconhecimento de si mesmo, a partir do corpo.

Para Zorning (2008), a sexualidade humana não é instintiva, pois o homem busca o prazer e a satisfação através de diversas modalidades, baseadas em sua história individual e ultrapassando as necessidades fisiológicas fundamentais. Assim, se a sexualidade se inicia com anatomia (no nascimento), sua conquista depende de um longo percurso durante a construção da subjetividade da criança.

METODOLOGIA

O presente trabalho, integra uma demanda da disciplina de desenvolvimento socio afetivos, que compõe a grade curricular do curso de Pedagogia. Para este momento, utilizamos de uma pesquisa qualitativa, que para Estéban (2010) a pesquisa qualitativa, enquanto atividade sistemática de investigação volta-se para a compreensão dos fenômenos, bem como à transformação de práticas, sujeitos e cenários aí envolvidos.

Uma característica fundamental dos estudos qualitativos é sua atenção ao contexto, já que a experiência se afirmar e tem lugar em contextos particulares, de maneira que os acontecimentos não podem ser compreendidos se são separados daqueles. Para Godoy (1995), pesquisa de cunho qualitativo consiste em um tipo de pesquisa que não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumento estatístico na análise dos dados. No caso das fases psicosssexuais de Freud, buscamos compreender um pouco a sua contribuição para o desenvolvimento humano, a partir do entendimento de seu próprio corpo, como o conhecimento adequado e sem deturpações sobre a sexualidade infantil. Por isso utilizamos também a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2008) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AS CINCO FASES PSICOSSEXUAIS DE FREUD

A Fase Oral

É a primeira fase do desenvolvimento da sexualidade da criança, neste período que vai do nascimento ao primeiro ano de vida (muitos autores prologam esta fase até os 18 meses, outros dizem ser até os dois anos de vida), a principal fonte de interação do bebê é a boca. É por ela que vai se alimentar e sentir os primeiros estímulos através da degustação e sucção. Neste período da vida suas principais necessidades são a sede e a fome, com o alimento esta carência será aliviada. Com o contato do adulto cuidador não só sanará tais necessidades, como também dará ao bebê conforto e segurança fazendo esse ato afetuoso reduzir a fome e dando a sensação de prazer descrita por Freud.

Para Freud, nesta fase a criança tende a buscar o seio da mãe para se alimentar e neste contato acontece o prazer sexual, descrito por ele como forma de sentir prazer nas relações e suas interações. De acordo com Sandim (2011) o seio materno vai além do ato de alimentação, “tendo aí a satisfação de um prazer de índole erótico, sem que isto signifique conteúdo genital”. Podemos perceber que a criança explora seu meio a partir dos estímulos que tem, colocando objetos na boca, tornando cada ação num princípio de prazer.

Observamos então que nesse momento, a criança nesta fase pode ficar dependente dos cuidadores, quando for a hora do desmame, caso ocorra esse fato, tende-se que no futuro o indivíduo seja igualmente dependente de outros fatores, como fumar, comer, beber ou roer unhas; é o que Freud chama de *fixação oral*, esta por sua vez apenas ocorre quando o caráter oral é frustrado durante o período de amamentação. Vê-se que este trecho da vida é determinante para a formação do ser adulto e de sua personalidade. Pois nele encontramos os princípios norteadores para um indivíduo pleno e sem traumas, quando a fase transcorre natural e normalmente.

Fase Anal

Inicialmente Freud passando a observar a conexão entre impulsos anais e sádicos (pessoas que sentem prazer na dor), notou que esse estágio envolve tanto a sensação de prazer na excreção, como também o estímulo erótico da mucosa anal por meio de retenção das fezes. Com o passar do tempo, as crianças passam a exercer poder sobre os pais, tal evento acontece quando elas aprendem a ceder ou reter as fezes. Surge então, uma sensação de poder no ambiente que estão inseridas. É entre 1 a 3 anos de idade, que ocorre esta fase, Freud acreditava que o principal controle da libido estava na bexiga e na evacuação.

O grande conflito dessa fase está o treinamento do Toalet, onde a criança tende a entender suas necessidades corporais. Desenvolver esse controle leva a um sentimento de realização e independência. De acordo com Freud, o sucesso nessa fase depende da maneira como os pais se aproximam no treinamento da ida ao banheiro. Os pais, como maiores incentivadores, os que utilizam elogios e recompensas para o uso do banheiro no momento oportuno, incentivam resultados positivos, fazendo com que as crianças se sintam capazes e produtivas. Freud acreditava que experiências positivas durante esse estágio servem de base para que as tornem adultos competentes, produtivos e criativos. Entretanto, não são todos os pais que possuem essa forma de encorajamento para com seus filhos (as), no qual seria útil para o desenvolvimento durante esse estágio. Freud (1996) acerca disso, diz o seguinte:

Um dos melhores presságios de excentricidade e nervosismo posteriores é a recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprouver a ele próprio. Naturalmente, não é que lhe interesse sujar a cama; ele está apenas providenciando para que não lhe escape o dividendo de prazer que vem junto com a defecação (FREUD, 1996, p. 75)

Em alguns casos os pais preferem punir ou ridicularizar fazendo a criança passar por momentos de constrangimento. Para Freud, as ações parentais inadequadas levam a resultados negativos. Se os pais utilizam uma abordagem que seja ela muito branda, ele sugere que poderia desenvolver uma personalidade anal expulsiva, na qual o indivíduo obtenha uma personalidade confusa ou destrutiva. Se os pais são muito rigorosos ou começam o treinamento do toalet muito cedo, Freud acreditou que uma personalidade anal retentiva desenvolveria, em que o indivíduo é rigoroso, rígido e obsessivo.

A Fase Fálica

Essa vai dos três aos seis anos de idade, nela a concentração do prazer da criança está no genital, quando ela se dá conta de que tem um pênis ou mesmo a falta dele. Os genitais passam a ter toda a atenção e tensões da criança. Os meninos começam a ter ereções e percebem que as meninas não tem o mesmo órgão que eles. Já nas meninas, o sentimento é de perda do órgão e ainda de que o mesmo apareça tal qual notasse nos garotos, como relata COUTO (2017): “na fase fálica, o menino experimenta o sentimento de angústia pela possibilidade de perder o falo e a menina sofre por já tê-lo perdido”.

Neste período as crianças começam a sentir ciúmes da atenção que seus pais dão um ao outro, vai ser nesse momento em que o menino ver o pai como rival pelo afeto da mãe que o leva ao Complexo de Édipo. O mesmo ocorre com a menina, quando ela sente uma rivalidade com sua mãe em favor da atenção do pai, nesta ocorre o Complexo de Electra. Nessa disputa de sentimentos, os meninos passam por um período denominado por Freud de ansiedade de castração (para outros: Complexo de Castração), quando o medo da perda do pênis toma conta do garoto, após ele perceber que o pai é superior a ele e que o mesmo pode de alguma forma puni-lo pelo desejo que sente por sua mãe. Essa mistura de sentimentos fica oculto no inconsciente para que a criança não pense ou reflita sobre, afinal de contas são vários fatores que se entrelaçam nessa fase da vida. De acordo com Sandim (2011), nesse momento a um alerta sobre o complexo de Édipo e quando o mesmo afeta de maneira negativa a vida do menino e se estende até a idade adulta, decorrente da frustração que o garoto adquiriu nesta fase da vida:

Soa oportuno exemplificar uma ocorrência, dentre outras tantas, evidenciadora de um nó na resolutividade edipiana; aquele solteirão, que racionaliza (mecanismo de defesa) dizendo que não encontrou uma mulher que satisfaça suas exigências, e por isso continua morando na casa da mãe e, para piorar, quando é frustrado na vida,

geralmente adoece para que isso sustente a necessidade íntima de ser levado ao médico pela figura materna. (SANDIM, p. 04, 2011)

Fica evidente que a criança que passa por esta fase de maneira negativa, carrega sobre si o fardo para a vida inteira. Por isso, diz-se que os pais são importantes mediadores durante as fases Freudianas, justamente para que isso ocorra de maneira satisfatória.

O Período de Latência

A princípio queremos esclarecer o conceito de latência, para que fique claro o processo pelo qual a criança enfrenta. Para a medicina, é o intervalo entre o começo de um estímulo e o início de uma reação associada a este estímulo; tempo de reação. Já para a Psicanálise, é o período (dos quatro ou cinco anos até o início da adolescência) durante o qual o interesse sexual é sublimado; período de latência. Sendo assim, podemos definir latência como a diferença no tempo entre o início de um evento e seus efeitos.

O período de latência, nas Fases Psicosssexuais Freudianas, é observado dos seis aos nove anos de idade (muitos a finalizam na etapa da puberdade), essa fase é marcada pelo desenvolvimento sexual da criança. Nesse estágio também se vê uma irregularidade, podendo acontecer completo ou parcialmente, como descreve Freud:

Nada de certo se pode dizer sobre a regularidade e periodicidade das oscilações deste desenvolvimento, mas parece que a vida sexual da criança, por volta do terceiro ou quarto ano, já se manifesta de uma forma que a torna acessível à observação.” (1970, p.90 apud NUNES; SILVA 2000, p.48).

Vale ressaltar que durante a fase anterior, no período em que a criança passa pelo Complexo de Édipo, é onde o afloramento sexual estará mais evidente. Após esse tempo, ela passa pelo adormecimento de suas energias sexuais. É na latência onde o prazer concentra-se nas interações sociais, durante a idade escolar e os sentidos sexuais estão inativos. Como essa energia não para, não se acumula, necessita ser canalizada para outras fontes. Sendo assim, ela encontra nas relações com os demais de sua sociedade o prazer antes latente e gritante na fase fálica, agora adormecida e deslocada para as atividades intelectuais e sociais. De acordo com Costa e Oliveira (2001) existem estudos que afirmam que o desvio das forças pulsionais sexuais, denominado de sublimação, torna-se componente para as realizações culturais. Por ser a fase do desenvolvimento sexual do indivíduo, do ego e do superego, as crianças começam a se preocupar com as relações que as envolve na escola e na sociedade e com isso desviam sua energia sexual para tais atividades, como: colegas, hobbies etc.

Fase Genital

Notasse seu início a partir dos 12 anos, acompanhando os primeiros indícios da puberdade. Nesta fase, o indivíduo envia toda a sua pulsão para a área genital, antes a mesma era compartilhada em diversas áreas erógenas, agora unificada e direcionada para um objeto sexual externo. Vê-se claramente que o desejo sexual se torna adulto, os indivíduos já estão conscientes de suas diferenças sexuais, buscando formas de satisfação da libido. Ainda podemos observar alguns conflitos edipianos não resolvidos assombrando a vida de alguns adolescentes, os quais são responsáveis por desequilíbrio dessa etapa.

A área que emana o prazer nessa fase são o pênis e a vagina e a finalidade dessa pulsão seria a reprodução, como Freud (1996, p. 196) afirma: “a pulsão sexual coloca-se agora a serviço da função reprodutora [...]”. Essa busca por reprodução faz com que a pessoa procure seu objeto sexual fora de casa, antes visto no pai ou na mãe, ela busca fora do espaço familiar, um objeto de amor. Ainda sobre a relação entre mãe e filho, podemos destacar que essa propícia à criança a criação de um ideal na busca pelo objeto sexual real. Esse período da vida é de grandes mudanças para o jovem. Ele tem que criar uma identidade juvenil, enquanto se acostuma com a perda da infância e dos cuidados dos pais, até assumir sua vida adulta.

ID, Ego e Supergo

Freud através desses três nomes que titulam esta seção do texto, desenvolveu a teoria da personalidade humana, no qual o mesmo vai nos dizer que a mente do homem e da mulher é um tremendo caos. Pensemos agora um julgamento, onde temos o acusado, o advogado e o juiz, pensou? Pois bem, é praticamente dessa forma, ou melhor, é nesse tribunal que se desenvolve, segundo Freud, nossa personalidade. O ID, o nosso acusado nesse julgamento, vai estar a cargo de todos os nossos desejos, pulsões e vontades, ele é liderado pelo prazer, ou seja, procura a resposta direta e imediata a um estímulo instintivo, sem considerar as circunstâncias da realidade social. Mosqueira (1997), nos diz que é nesse estágio que se constrói a nossa identidade, construção essa que vai ser moldada ao passo que a mediação entre o Ego e Superego será desenvolvida.

O Ego atua como um advogado que vai mediar com o juiz Superego (a realidade social) os instintos do ID. É nesse momento que a criança constrói seus mecanismos de defesa contra os agentes exterior, sendo a primeira ação desse fato, a punição vinda dos pais para um comportamento que não é “correto”. Sendo então nesse estágio, reprimido vontades e desejos acerca de algum gosto particular do indivíduo. Para Lima (2009) o ego se desenvolve a partir da diferenciação das capacidades psíquicas em contato com a realidade exterior. Sua atividade

é, em parte, consciente (percepção e processos intelectuais) e, em parte, pré-consciente e também inconsciente.

O Superego é o juiz que vai ditar o que é certo e o que é errado, através dos agentes externos que compõe a sociedade, sendo alguns deles, a família, amigos, colegas, a escola, a igreja dentre outros. É nesse estágio que será retido as características dos pais, aonde o Id foi negado e como mecanismo de defesa, se tem agora então a identificação da criança no pai e/ou a mãe. O Superego é representado através dos pais, por exemplo, se a criança fizer algo que é “correto” ela recebe afeto e se fizer algo “incorreto” receberá uma punição, isso vai gerar a interiorização de exigências mediante a interdição dos pais. Em outro momento, a criança então renuncia sua satisfação e ela mesma se auto proibi. Freud (1996) caracteriza o superego da seguinte maneira:

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (consciente) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. (FREUD, 1996, s/p.)

Lima (2009) ainda um pouco mais específica, diz que nesse momento o superego estabelece a censura dos impulsos que a sociedade e a cultura proíbem ao id, impedindo o indivíduo de satisfazer plenamente seus instintos e desejos. É o órgão psíquico da repressão, particularmente a repressão sexual. Tomamos então como exemplo o Homossexual. Não queremos colocar o pensamento de Freud como verdade de fé acerca da homossexualidade. Entretanto, queremos resgatar e analisar o que ele disse sobre o assunto à luz da psicologia. Para ele, toda pessoa nasce bissexual e sendo assim, temos duas motivações sexuais, como afirma, duas fantasias sexuais, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino. Assim uma dessas fantasias origina-se de um impulso homossexual. (FREUD, 1996, p.168). É a partir disso e de suas relações sociais e de seu desenvolvimento que o indivíduo se torna heterossexual ou homossexual. Nesse contexto, ele busca respostas nos meios biológicos, psicológicos e sociais para explicar a binaridade do homem.

Biologicamente, ele afirma que o indivíduo é bissexual em função de uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto e uma conjugação de atividade e passividade (FREUD, 1996d, p.207). Logo, trazemos conosco as bases hereditárias de nossos genitores, masculino e feminino, nos colocando como bissexuais geneticamente. No caráter psicológico, Freud fala sobre o hermafroditismo psíquico, quando o indivíduo tem em si órgãos genitais de ambos os sexos, onde um deles aflora e o outro mantém-se oculto. E por último, através de nosso convívio social a partir das fases de nosso

desenvolvimento, se as mesmas obtiveram resultado “normal” ou se houve um desvio nesse processo, resultando na homossexualidade.

Nessa perspectiva, cabe-nos colocar em evidência que não se trata de uma patologia, como ele afirma, mas de um encaminhamento natural em que o ser humano toma em função de sua relação com o seu meio. Em carta de 1935, Freud escreve pra uma mãe sobre seu filho homossexual, em relação ao dito anteriormente: *“Homossexualidade certamente não é uma vantagem, mas não há motivos para se envergonhar, não há vícios, não há degradação; isso não pode ser classificado como uma doença; consideramos como uma variação da função sexual, produzida por uma certa contenção do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente respeitáveis da antiguidade e também dos tempos modernos foram homossexuais, diversos homens grandiosos.”*

Complexo de Édipo e Electra

Uma questão bem polêmica levantada por Freud, é sobre a identificação das crianças aos seus genitores do sexo oposto, para ele, nesse momento o menino descobre uma atração pela mãe, e a menina uma atração pelo pai. Sendo assim para os meninos denominado de complexo de Édipo e para as meninas o complexo de Electra. O complexo de Édipo surge a partir da mitologia grega, “Édipo Rei”, escrita por Sófocles, em 427 a.C. A lenda do “Édipo Rei” conta a história de como Édipo assassinou o seu pai e casou com a própria mãe, tendo quatro filhos com ela. Os dois, no entanto, não sabiam que eram mãe e filho. Quando descobriram, através do oráculo, Jocasta, a mãe de Édipo, se suicidou. O rapaz, como punição por não ter sido capaz de reconhecer a própria mãe, furou os dois olhos e ficou cego.

O complexo de Édipo vai surgir na faixa entre os 3 a 5 anos de idade da criança, segundo Freud, correlacionando com a lenda da Grécia, nesta fase desenvolve-se então a libido da criança pela manhã, ou melhor dizendo, um desejo “incestuoso”, ao mesmo tempo que vai se criando um conflito de ciúmes e disputa com o pai. Alguns dos sintomas do Complexo de Édipo inclui o ciúme que o menino sente da mãe, quando esta está num convívio mais íntimo com o pai.

Freud não usa por exemplo o nome “complexo de Electra”, entretanto alguns estudiosos da psicanálise usam essa nomenclatura para denominar o desejo da menina pelo pai. O complexo de Electra surgiu através do psicoterapeuta da Suíça, Carl Jung, que relaciona esse estágio da criança feminina com o também mito grego de Electra. Electra era filha de Clitemnestra e Agamemnon, ficou imortalizada por ter planejado a morte da própria mãe, como uma vingança por esta ter assassinado o seu pai. Entretanto, como não foi Electra que

literalmente matou o pai, sendo o assassino o irmão, a mando dela, Freud não utiliza seu nome. O mesmo denomina o estágio para a menina como Complexo de Édipo Feminino.

Porém, passado esses momentos de estágio do desejo pelos genitores, Freud nos diz que agora a criança, tendo já consciência que tal desejo é errado, começa então a desenvolver uma relação harmoniosa com quem ele antes teria tido um conflito, ou seja, o menino começa a ter uma relação estável com o pai e a menina com a mãe. É também nesse momento que a criança começa então a perceber que tem diversos tipos de afetos e amores, estes sendo apresentados pelos pais. No qual mostram aos pequenos que amor de marido e esposa é diferente de pai e mãe para com os filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de grande relevância deixarmos claro que Freud estudou a sexualidade infantil e não a respeito do ato sexual que a criança viria a praticar, não é isso, e sim como os meninos e meninas crescem conhecendo seu próprio corpo e desenvolvendo a consciência acerca das pulsões, vontades e desejos. É evidente que ele recebeu inúmeras críticas sobre seus estudos, haja vista a sociedade da época, com inúmeros tabus ainda na mesa, um momento em que o patriarcal ainda estava com todo o seu fôlego. Entretanto, continua ainda sendo atemporal os estudos de Sigmund para a compreensão do desenvolvimento psíquico da criança.

A sexualidade, principalmente a da criança, precisa ser discutida por nós professores e educadores para entendermos como o próprio Freud diz, o caos presente da mente de um indivíduo. Se na vida adulta tais conflitos ainda permeiam, imaginemos, como fica então a mente de uma criança que ainda está em processo de construção de sua identidade, se deparar com esse turbilhão de desejos e impulsos e ao mesmo tempo tais vontades sendo permitidas e negadas pelos adultos. Por tanto, se faz necessário uma leitura acerca dessa temática em busca de uma maior compreensão que nos ajude a lidar com esses momentos, tendo em vista que é na escola e na sala de aula que as crianças colocam em cheque a sua construção de identidade, e precisamos como agentes mediadores dessa construção estar munidos do conhecimento teórico-prático pra auxiliar na construção de uma identidade particular e social nas crianças.

REFERÊNCIAS

- COSTA, E. R. OLIVEIRA, K. E. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo.** Revista eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG. Vol. 2 n. 11, 2011.
- COUTO, D. P. **Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito.** Psicol. pesq. vol.11 no.1 Juiz de Fora jun. 2017.
- EGYPTO, A. C. **Orientação Sexual na Escola.** São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- ESTEBAN, M. P. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições.** Porto Alegre. AMGH, 2010.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** 1996. In J. Strachey (Ed. e Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago. 1995.
- LIMA, A. P. **O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia.** Rev Psiq Clín. 2010;37(6):270-7. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a05v37n6.pdf> > Acessado em 21 de setembro de 2019.
- MOSQUERA, J. J. M. **Psicodinâmica do aprender.** 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.
- NUNES, C. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.
- SANDIM, E. O. **A importância das fases psicosssexuais do desenvolvimento infantil: Segundo Freud, para melhor proteger o psiquismo da criança e do adolescente.** 2011. Disponível em: jus.com.br/.../a-importancia-dasfases-psicossexuais-do-desenvolvimento. Acesso em 24 de setembro de 2019.
- ZORNING, S. M. A. J. **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008.